



ASSOCIAÇÃO BENTO DE JESUS CARAÇA

Texto aprovado na reunião de Direcção da Associação Bento de Jesus Caraça de 11 de Abril de 2024, a propósito do 123º aniversário de Bento de Jesus Caraça, que ocorre a 18 de Abril.

Uma Evocação muito pessoal

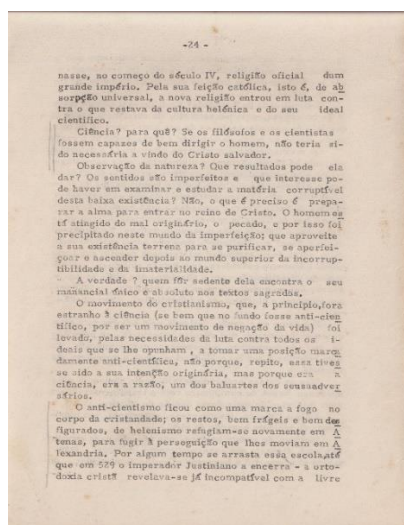
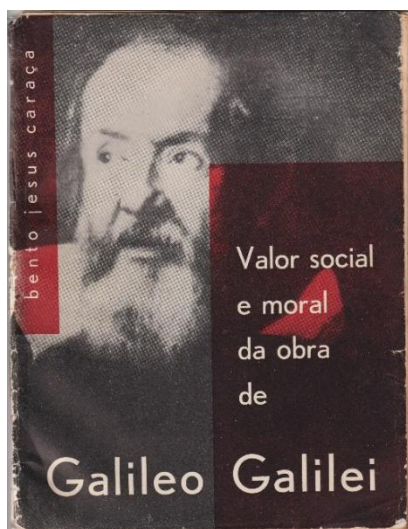
Um amigo lembrou-me, em tempo oportuno, que «no dia 18 de Abril de 2024 fará, exactamente, cento e vinte e três anos que nasceu, em Vila Viçosa, Bento de Jesus Caraça». Perante esta data, e o tom evocativo da lembrança, assaltaram-me duas memórias, há anos adormecidas, mas agora acordadas pela métrica da frase do meu amigo: «No dia 22 de Junho de 1633, faz hoje trezentos anos, quem pudesse ter penetrado numa certa sala do convento de Minerva, em Roma, teria assistido a uma cena singular» e (segunda memória)

«Em Cerromaior nasci
Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao largo.
Depois, tomei os caminhos
que havia e mais outros que
depois desses eu sabia».

Eram os ecos de encontros com Bento de Jesus Caraça mediados pela voz de outro alentejano, Manuel da Fonseca, que poeticamente perscrutava «caminhos» futuros que não-de acontecer. Reconstroem-se assim algumas traves da minha memória e evoco a figura desse homem nascido em Abril através de três encontros com a sua obra – o do professor de matemática, o do militante empenhado na acção cultural e no avanço científico, o do combatente indefectível em terçar armas pelo progresso da humanidade – encontros que tiveram o efeito de me desvendar «outros caminhos que/ depois desses eu sabia» ...uma toada de liberdade e descoberta.

(1º encontro) Respeitando a cronologia: foi nos idos de Novembro de 1966, exposto nos escaparates da Livraria Sá da Costa, que encontrei o livro procurado (então com uma capa branca, despojada de qualquer figura, assinalando o autor e o título, «Cálculo Vectorial», 3ª edição) que acompanharia o meu estudo em vários capítulos do «Cálculo Infinitesimal». Fora-me fora aconselhado por um colega mais velho e foi a obra que me apresentou o autor, Bento de Jesus Caraça, pessoa de quem tinha ouvido referências fugazes enquanto opositor ao Estado Novo (tudo muito vago). Depois, riscando as linhas e tomando notas, embalado na contravariância, na covariância e em outros termos da gíria matemática, descobri, em todas aquelas páginas alguma linhas de história desta disciplina e, ainda, que «a primeira edição desta obra apareceu em 1937 e constitui a primeira das publicações do Núcleo de Matemática, Física e Química». O que era este «Núcleo», como aparecera? Tudo perguntas que na altura ficaram sem resposta, melhor, a resposta só veio, e assaz incompleta, passado uns anos. Isto é, soube, muitos anos mais tarde, que o Núcleo, propunha-se realizar cursos e conferências de «ciência moderna, autenticamente superiores, de nível europeu», versando matérias completamente ausentes dos programas universitários nacionais: esta era a grande novidade! No dia 16 de Novembro de 1936 ao fim da tarde (entre as 18 e as 19 horas, duas a três vezes por semana), num anfiteatro do IST inauguraram-se as lições: primeiro o curso de “Cálculo Vectorial” de Bento de Jesus Caraça que durou até ao Natal; seguiu-se a 11 de Janeiro, “Introdução à teoria da electricidade e do magnetismo” por António da Silveira; em 2 de Março foi a vez de Aniceto Monteiro com “Teoria das matrizes” para, em 8 de Abril, Amorim Ferreira leccionar “Radiação do corpo negro. Teoria quântica dos calores específicos”; a partir de 19 de abril Ruy Luís Gomes dissertou sobre “Teoria da Relatividade Restrita” e, em 17 de maio, coube a Valadares abrir o curso sobre “Efeito fotoeléctrico. Efeito Compton”.

O anfiteatro estava sempre repleto de estudantes e professores universitários que interessadamente seguiam os detalhes de todas as lições. Era intenção do *Núcleo*, desde o início da sua actividade, publicar as brochuras correspondentes aos diferentes cursos ministrados de modo a que todos os interessados pelas novidades científicas a elas tivessem acesso. Assim, dos cursos mencionados, publicaram-se as lições de Bento de Jesus Caraça, Ruy Luís Gomes e Amorim Ferreira, em que só a segunda tem a indicação que foi patrocinada pelo Instituto para a Alta Cultura (IAC). Mas atenção, o que parece simples agora foi, à época, bastante complicado (comprovado por fonte historicamente credenciada): as escolas superiores contactadas para que nas suas instalações se realizassem os cursos, recusaram (talvez pensassem que, por detrás desta iniciativa, houvesse qualquer coisa de subversivo). Só o Instituto Superior Técnico cedeu as suas instalações para que os cursos se efectivassem e, mesmo assim, foi necessário que o seu director (Duarte Pacheco), introduzido na cabine de projecção do anfiteatro, espiando secretamente uma das sessões, garantisse que se falava de Matemática e Física, e aquela dezenas de pessoas não assistiam de facto a reuniões de «carácter político», acusação que justificaria a sua proibição.



(2º encontro) Sempre respeitando a cronologia: Dezembro de 1968, já conquistada a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (AEFCL), após três anos de ocupação por uma Comissão Administrativa, e numa visita à secção de folhas, junto ao velho ginásio, numa sala interior forrada a prateleiras de pinho onde se alinhavam, devidamente agrupados por disciplina, os fascículos das velhas sebentas, uma pilha de publicações, cerca de 30cm de altura, chamava a atenção porque a capa era colorida e encerrava três cadernos mimeografados, um total de 48 páginas. A capa era a effigie do velho pisano (retirada do seu retrato da Galeria Uffizi, pintado por Justus Sustermans) e onde constava o título, «Valor social e moral da obra de Galileo Galilei», e o autor «bento de jesus caraça». Em qualquer dos exemplares existentes (eram dezenas) não constava qualquer referência à sua edição, o que nos levava a supor que se tratava de uma edição clandestina feita eventualmente pela AEFCL. E a minha primeira leitura, levado pela curiosidade da descoberta e pela sofreguidão de conhecer, provocou-me uma sensação pungente determinada pelo tom grave das duas frases iniciais: a primeira, enunciámo-la na abertura deste texto (: «No dia 22 de Junho de 1633, faz hoje trezentos anos, quem pudesse ter penetrado numa certa sala do convento de Minerva, em Roma, teria assistido a uma cena singular»); a segunda apontava para Galileo Galilei, «um velho de setenta anos ouvia, perante um tribunal constituído por dez cardeais, a leitura deste documento estranho»; e o documento era a condenação inquisitorial do sábio pisano e a sua consequente, e exigida, abjuração, aquilo a que o autor da conferência designou como «um dos momentos mais dramáticos da história da ciência e da história do homem no mundo ocidental». E foi nesta leitura que confirmei a importância de, ao entender o desenrolar das ideias científicas, ter sempre em conta o contexto ético-político que as circunscreve, mostrando-se assim que a «história da ciência, mesmo a do mais abstracto dos seus ramos, é uma história essencialmente, profundamente humana».

E o autor da conferência reserva as últimas páginas para mostrar o valor moral da obra do sábio pisano ao citar Salviati, uma das personagens do *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, o *alter ego* do autor: « [em resposta a Simplicio] *Não vos preocupais com o Céu nem com a Terra, não temais a sua subversão, nem tão pouco a da filosofia. Pois, quanto ao Céu, é em vão que receais qualquer coisa que possa vir daquilo mesmo que vós considerais inalterável e impassível; quanto à Terra, nós procuramos nobilitá-la e torná-la mais perfeita, na medida em que nos esforçamos por a tornar semelhante aos corpos celestes e pô-la até no Céu, de onde os vossos filósofos a expulsaram (...)*». Pois o mundo terrestre, onde grassa o pecado, a imperfeição e a corruptibilidade, não mereceria o estatuto excepcional de ocupar o centro do universo...

(3º encontro) cronologicamente muito mais tarde: em Maio de 2002 tomei conhecimento de um facto curioso, o presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Júlio Dantas, publicou, numa das suas crónicas, à quinta-feira (14 de Dezembro de 1944), no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro*, um naco de prosa intitulado «A Ciência e a Vida» com o propósito claro de desacreditar e mostrar a inutilidade da investigação científica. E se isto, vindo do Presidente de uma Academia das Ciências, era de bradar aos céus, ainda mais espantado se ficava quando se constatava que a prosa era uma colagem de citações, oriundas de diversos intelectuais de diferentes nacionalidades e épocas, retiradas do seu contexto próprio. O Académico, Presidente, não discorria com argumentação própria, limitava-se a exprimir as suas convicções contra a ciência e os cientistas, exibindo-as publicamente com base na «citação» autorizada de filósofos conhecidos: «cada vez menos a ciência conduz à felicidade»; «sábio absoluto, desagradável animal que vive desprezando os deuses, sem afeições, sem benevolência, sem amor, sem paixões naturais, insensível como uma pedra». Com expressões públicas deste jaez, a investigação científica que, no nosso país, dava os primeiros passos (e assistia a alguma renovação), em vez de ser apoiada era, perante os leitores de um jornal diário, posta em causa, chegando-se ao ponto de, em jeito de conclusão, declarar a falência da ciência no pós-guerra que já se avizinha para o Mundo. Perante as palavras de Júlio Dantas, reagiram grande parte dos investigadores portugueses, associando-se a um abaixo-assinado redigido por Bento de Jesus Caraça e que foi enviado, após uma ampla recolha de assinaturas nos três centros universitários do país, para a Academia de Ciências, ignorando-se se houve qualquer resposta. De qualquer modo o Presidente da douta instituição devê-lo-á ter lido. Para além desta reacção colectiva, Bento de Jesus Caraça escreveu uma carta aberta ao Presidente da Academia das Ciências que enviou para a imprensa, mas a censura impediu a sua publicação. Este último texto traduziu, a par de uma fina ironia, uma revolta incontida da parte do seu autor em presenciar tal atitude: «Só não entendo uma coisa — porque é que V. Ex^a é (se não é, neste momento, já foi e está para ser) presidente da Academia das Ciências. Que V. Ex^a fosse presidente da Associação dos ignorantes da Ciência, ou do Sindicato dos inimigos da Ciência, ou de qualquer sol-e-dó no género, percebia, mas, precisamente, da Academia das Ciências!»

(próximos encontros) houve muitos, alguns de grande importância e, tal como os primeiros com grandes revelações, daí que remate esta evocação com mais uma toada do Manuel da Fonseca

«E tanto já me afastei
dos caminhos que fizeram,
que de vós todos perdido
vou descobrindo esses outros
caminhos que só eu sei.»

Augusto Fitas
(membro da actual direcção da ABJC)
O autor escreve segundo a antiga ortografia.